

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

DA FEMINIZAÇÃO AO FEMININO: O QUE SE PASSA?

Ana Aparecida Rocha

A partir do encontro de Freud (1893/1895) com as histéricas, ocorre a invenção do inconsciente e a descoberta de um caminho que se chama Psicanálise. As mulheres com seus corpos e discurso, trazem junto ao seu sofrimento, um saber. Daquilo que falavam e apresentavam como doença frente à ordem médica vigente, algo salta aos ouvidos de Freud. Disposto a escutá-las, suspende as respostas sobre este adoecer anteriormente dadas e, permitindo que estas falem, chega ao sexual.

A sexualidade falada é aquela que as perturba e afetando-as em seu desejo, lhes causa desassossego, aflição e trauma. O recalque é pensado neste percurso como aquilo que incidirá para que possamos nos sustentarmos como desejanteres.

Entretanto, esta operação não dando conta de responder as indagações de cada um, homem ou mulher em seu encontro com aquilo que o sexual engendra, deixa algo de fora. A sexualidade comporta indagações que perpassam o tempo e se mantêm suscitando debates e trabalho àqueles que se debruçam sobre a mesma. Do percurso freudiano com as mulheres, nos fica uma questão: O que quer uma mulher? E, em seu texto *Feminilidade*, Freud (1933) ele destaca que “[...] a psicanálise não tenta descrever o que é uma mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual” (p. 117).

Lacan (1972-1973/1985) nos traz uma outra questão “O que queres?” e a estende ao feminino. Disposto a adentrar no que se passa do lado da sexualidade feminina, depara-se com uma dissimetria no modo como se colocam os sujeitos diante de seu gozo.

Em seu ensino contamos na posição feminina com a presença de um “mais”. Este, parece ultrapassar as fronteiras estabelecidas pela linguagem e fazer insignificante o prazer que esta permite. Podemos supor que lá onde o homem tem o significante mestre como um ponto final, para as mulheres este serve como uma porta aberta, apontando uma radical diferença entre os sexos naquilo que os habita diante do enigma que a esfinge do sexual coloca.

Diante desta particularidade o que nos diz o feminino? Este apontaria para a existência de um gozo posto a homens e mulheres enquanto posição frente a um desmedido, a uma experiência enquanto ser sexuado que não ficaria circunscrita à ordem do significante.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Assim, se a Psicanálise já desde Freud atenta ao enigma que o feminino detém e, Lacan pelo caminho que tomou ao se dedicar a sexualidade feminina, também atentou a uma diferença que do lado da mulher se põe. Não detendo quem a guia, ela em parte se dirige à função fálica, mas, em outra parte vai em direção ao significante da falta no Outro, encontrando-se com o gozo des-medido.

Brousse (2012), em entrevista na revista *Latusa*, destaca que quando Lacan se detém sobre o registro do gozo no final de seu ensino, fará uma revolução no que diz respeito à sexualidade quando coloca a questão do feminino para além do Édipo, para além da função paterna. Para ela esse gozo se define como “um gozo outro, é um gozo, portanto, que não é ligado a um órgão, que não está ligado às representações e à ordem do significante, que está, portanto, para além do sentido sexual ou do sexo como sentido.” (Brousse, 2012, p. 19).

O gozo feminino considerado como aquele que não se reduz ao sentido e parece transbordar aquilo a que a significação fálica não consegue de todo definir, escapa à norma e se apresenta como não cernido pela via comum do significante e da ordem simbólica. Dar-se um salto, um outro olhar quando Lacan destacando este gozo, retira a sexualidade do campo da divisão de um mais e outro menos. Ser homem, ser mulher diria de uma posição que o sujeito constitui diante do gozo que estaria presente em sua relação com o corpo, em seu encontro com o dito gozo feminino.

Uma ressalva se faz importante: a diferença posta nos lados da tábua da sexuação não corresponde à distinção anatômica, mas aponta para uma posição subjetiva que pode ir, inclusive, de encontro a esta. As fórmulas postas não definem sexos e sim posições.

Para Machado (2022) “O gozo feminino não é exclusivo das mulheres, assim como o gozo fálico não é prerrogativa dos homens [...] ele é o ponto obscuro do gozo de qualquer sujeito na sua radical singularidade. Toda a análise passa pelo feminino” (p. 10). Machado (2022) ressalta também que o gozo feminino chegou à cultura, por exemplo na nomeação dos gêneros, alterações nos modelos de família e nas parcerias amorosas estabelecidas, podendo verificarmos os efeitos disso. na clínica dos dias atuais. Indagamos se, diante destas mudanças a posição feminina daria algum saber em nos guiar enquanto analistas destes tempos.

A partir dos pontos que envolvem o avanço que Lacan realiza acerca da sexualidade feminina, escolhemos neste trabalho nos determos sobre o que, no ensino de Lacan, se constrói acerca da posição feminina e com esta pensarmos o fenômeno da aspiração à feminização e suas repercussões na clínica.

Em Lacan (1985) os passos que Freud deram deixaram elementos que ele não dispensou. Entretanto, ele traz algo inédito tanto para a sexualidade tanto para a cultura.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Demonstra maior interesse pelo gozo no lado da mulher do que propriamente por definir uma identidade para esta. Avança ao detectar que a significação fálica não drena tudo o que se passa na sexualidade feminina. Ele, recorrendo à linguagem da lógica matemática e interessado nos místicos cria as fórmulas da sexuação onde o masculino e o feminino são colocados em uma perspectiva dissimétrica, estabelecendo assim a diferença entre estes como dois modos que não se complementam e nem se excluem entre si. A saber, o modo todo e o não todo (FREIRIA, 2022).

Acompanhando esta movimentação no ensino de Lacan, destacamos que uma mudança estaria se apresentando. Ocorreria uma passagem epistêmica e com repercussões práticas ao sair da primazia do simbólico e do sentido, dando lugar de destaque ao real e à presença do gozo. E neste, o gozo feminino passa a ser o gozo definido como tal.

Pondo o acento no gozo feminino, pensemos sobre a relação entre o feminino e a loucura, assim como com o amor. Estas experiências se apresentam como manifestações onde a posição feminina poderia se fazer presente. Em minha experiência clínica a presença de mulheres é bem maior que a dos homens e, reconhecemos também um maior número de mulheres analistas. Indaguemos: em que a posição identificada por Lacan como sendo a feminina, poderia pôr a mulher mais próxima de uma psicose ou da devastação no campo de suas relações amorosas?

Façamos uma distinção: na psicose encontramos uma rejeição ao significante que vindo do Outro colocaria o gozo em um enquadre dando-lhe uma significação por meio da medida fálica. Na posição feminina, não haveria essa rejeição. Porém, a medida fálica não estaria representando o todo da mesma. Uma parte de seu gozo não seria enquadrado e domado pela significação fálica, mas não poderíamos dizer que por isso seria psicótica.

Tanto em Freud quanto em Lacan, a mulher espera encontrar na via do amor, uma resposta, uma saída que compense a sua castração. Em Freud, a mulher espera receber o falo como órgão ou como uma criança. Em Lacan, esta teria o modo de amar da erotomania aguardando um Outro com as palavras que lhe dissessem ser amada como única.

Nas palavras de Sosa (2022) sobre a relação da mulher com o amor diríamos que:

[...] o amor não só vem compensar a falha fálica, mas vem dar um nome e amarrar no vínculo com o outro aquele gozo do corpo que não tem nome e que pode chegar à angústia, na medida em que beira o infinito. Isso explica por que a mulher dependa de ser amada para recuperar o seu ser (p. 199).

Destacamos que enquanto o gozo fálico institui o sujeito por meio da identificação, o gozo propriamente feminino o afasta, arrastando-o para fora dos limites de seu ser. Portanto,

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

é insuportável sem amor. Talvez com as artes encontre uma saída, em que possa ir além do sentido, do todo conhecido, do saber exposto.

Com o declínio do nome do pai, ou seja, da referência paterna e da ordem do patriarcado para reger a relação dos sujeitos no que diz respeito ao seu desejo e posição de gozo, vemos que no horizonte onde o viril cai, o feminino se apresenta. Miller (2005) em seu curso *O Outro que não existe e os seus comitês de ética*, assinala esta mudança. Em um mundo globalizado, sem uma referência estabelecida para regular as trocas, o feminino que já lida com a falta de um nome, de um aporte que diga como regra única o que se passa do lado mulher na tábua da sexualização, estaria mais preocupado com este regime presente na atualidade. Sistema aberto, horizontal e de múltiplas formas de gozar às quais os sujeitos na atualidade se entregam. Entretanto, vislumbramos diferenças.

Ernesto Sinatra (2013), tratando dos efeitos da globalização na subjetividade situa o acontecimento que Jacques-Alain Miller denominou “feminização do mundo” e identifica o desenrolar de uma sequência que na civilização se alcançou: inicialmente teríamos a queda da *imago* paterna, a que se segue o declínio do viril e ao que responde, por sua vez, a feminização do mundo.

O que isto significaria? Que as mulheres estão ascendendo na cena pública? Tomando cada vez mais a ocupação de postos que antes eram de dominação dos homens? Sem dúvida, assistimos a mudanças no que diz respeito ao lugar da mulher na civilização nos tempos atuais, mas há uma distinção entre estes fenômenos e a posição feminina.

Se de um lado a mulher está ascendendo, ocupando espaços e realizando atividades que demonstram uma mudança de lugar, não significa o mesmo para a Psicanálise. O gozo feminino conforme Lacan o definiu diz de uma abertura, de um além que não fornece a garantia de se conseguir realizar o que deseja. Ao contrário, há uma diferença que supõe saber de um vazio, de uma falta que não há objeto de gozo ofertado pelo discurso do capitalismo capaz de satisfazer. Assim, as mulheres sabem que os semblantes apenas agradam, parecem encobrir aquilo que falta e que se entende ser o objeto de gozo, mas, voltando para si, veem que é o contrário. Lá há um nada, um vazio. Adentrando em nossa questão indagamos: Que relação se passa entre a feminização e a posição feminina?

O gozo feminino suplementar não é igual à aspiração à feminização porque nesta, o que se verifica é um empuxo a gozar desenfreado visando triunfar sobre a castração e prevalecer uma vontade de gozo como se fosse uma lei de ferro, sem limite. O gozo presente na posição feminina não aspira à satisfação completa porque flerta com o vazio, o inominável, o que só se acessa por meio de algumas saídas. A feminização enquanto fenômeno visa ao frenesi de se chegar a uma consumação que supostamente deixará o sujeito feliz e autônomo.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Como refere Miller (2013) podemos pensar que as mulheres situadas além do simbólico e do fálico estivessem com a modernidade à flor da pele e mais afinadas aos princípios deste tempo de empuxo a gozar. Mas, ela nos faz uma ressalva: Os tempos modernos enlouquecem os seres, homens e mulheres, que almejam o sublime e o abismo (MILLER, 2013).

Assim que consequências podemos extrair para o trabalho do analista frente a estes efeitos? Em que lugar situarmos a distinção apontada entre o gozo não todo fálico da posição feminina e o gozo desenfreado que impera no categórico gozar para todos?

Neste sentido, o real presente do lado mulher na tábua da sexuação é que fará a Psicanálise se manter. Caberá ao analista se sustentar frente a este ponto de impossível que não se deixa ser recoberto pelos objetos de consumo presentes no hedonismo da atualidade sabendo que há um além, um vazio, um inominável que não será circunscrito por nenhum objeto do registro fálico. Como diz Miller (2005), “isso falha” e, não há caminho pronto e igual para todos. Percebemos que o que se passa entre a aspiração à feminização e a posição feminina pode nos conduzir ao trabalho de análise onde, no um a um e não para todos, cada *fallasser*, homem ou mulher, se dedicará ao que fazer com esse inominável, esse desmedido que nos habita e nos acossa.

E para a experiência clínica, em que isto nos serve e para onde nos aponta? Sabemos que a psicanálise leva em conta a saída singular frente ao enigma de se ser sexuado. Podemos encontrar desde saídas melancólicas, uma recusa ao furo que este vazio apresenta que nos lembra a posição a histórica. Ainda às voltas com a aspiração ao falo. Também podemos vislumbrar um outro modo para abrigar e destinar o não todo que, para se sustentar, nos pede uma invenção.

Então, assim percebemos que a posição feminina tem um desmedido, mas, não faz deste um empuxo a gozar, uma meta a se buscar e atingir para tornar ao sujeito moderno, homem ou mulher satisfeito. As mulheres, situadas segundo Miller, mais próximas do real detêm um modo de satisfação que as deixa avisadas e advertidas da insatisfação que portamos. Elas sabem disso, têm outros caminhos para buscarem lidar com isso.

A experiência de uma análise poderia servir nesta distinção entre o não-todo e o desmedido do empuxo a gozar? Se pensarmos que no percurso desta chegaremos ao ponto de verificarmos que não há a relação sexual, ou seja, o encontro desejado não se constitui, podemos apostar que em uma análise, no um a um, o sujeito pode encontrar um modo próprio de lidar com esta inexistência. Esta posição diz da distinção que o feminino carrega sem se ancorar na feminização que parecemos encontrar, quando se busca, em diversas maneiras,

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

fazer a relação sexual existir, promovendo assim mais uma feminização do mundo do que um mundo feminino (SALMAN, 2013).

Para a Psicanálise o feminino e o empoderamento fálico se separam para abrir caminhos às soluções possíveis ante um gozo que nada tem a ver com as aspirações do falo.

De onde virá a solução para a clínica? Destacou Otoni (2019), em seu texto *O mestre não-todo*, que a solução para os impasses da época não virá dos significantes da tradição, mas sim da força do não todo que subverte o discurso do mestre. Para entendermos melhor a ideia proposta lembremos o que vem ser o discurso do mestre. Seria um dos quatro discursos propostos por Lacan onde quem comanda é o saber que através do consumo supõe ter as respostas acerca da verdade do sujeito. O avesso desse discurso parece nos levar ao não todo, a pensar acerca de uma tentativa de não ficarmos todos imersos e tragados pelo excesso que o imperativo “goza” nos marca e nos põe consumidores consumidos disso que nos devora se frente a ele não inventarmos um modo de singular de situarmo-nos e de gozarmos. O não todo pode nos servir.

Referências

BROUSSE, M-H. O que é uma mulher? *Latusa Digital*, v. 9, n. 49, 2012, pp.1-39.

FREUD, S. Estudos sobre a Histeria (ESB, Volume II). In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1895.

FREUD, S. Feminilidade (ESB, Volume XXII). In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1933/1965.

FREIRIA, P. Des-limitado. In: *Scilicet: A mulher não existe*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2022. pp. 165-167.

LACAN, J. [1972-1973]: *Seminário XX. Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1993.

MACHADO, O. M. R. O não-todo em cada um e na cultura atual. In: CALDAS, H., MURTA, A.; MURTA, C. (orgs.). *O feminino que acontece no corpo: a prática da Psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012.

MILLER, D. O A-todo feminino. In: HARARI, A. (org.). *A Ordem Simbólica no século XXI*. Rio de Janeiro: AMP subversos, 2013.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

MILLER, J-A.; LAURENT, E. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MILLER, J-A. Uma fantasia. **Opção Lacaniana**, n. 42, p. 7-18, 2005.

MILLER, J-A. Mulheres e semblantes I. **Opção Lacaniana Online**, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2010.

OTONI, F. O mestre, não todo. **Revista Curinga**, n. 47, p. 10-14, 2019.

SALMAN, S. Um real feminino. **Virtualia Revista digital de la Escuela de la Orientacion Lacaniana**, n. 27, 2013.

SINATRA, E. **@s Nov@s adit@s**: a implosão do gênero na feminização do mundo. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2013.

SOSA, J. Gozar disso. *In*: **Scilicet: A mulher não existe**. São Paulo: Escola Brasileira e Psicanálise, 2022. pp. 198-200.